



As notas limitam as escolhas dos candidatos ao ensino superior
FOTO JOSÉ VENTURA

Muitas vagas, pouco emprego

Jornalismo, psicologia e algumas engenharias estão entre as áreas com mais desemprego

Assim que, no início da semana, foram conhecidas as vagas no ensino superior para o próximo ano letivo — cerca de 54 mil —, as críticas ao suposto número excessivo de lugares disponíveis em certas áreas foram imediatas. “Exagero”, porta para o desemprego e “fraude” foram alguns dos termos utilizados pelos bastonários dos médicos dentistas, médicos e advogados.

Mas, de acordo com dados do Instituto de Emprego e Formação Profissional, não são estas as áreas que mais contribuem para os 44 mil inscritos nos centros de emprego com habilitação superior. Os números do Instituto Nacional de Estatística, que se baseiam em inquéritos às famílias, indicam um valor superior e estimam haver mais de 54 mil “doutores” sem trabalho.

Olhando para o número de licenciados que concluíram o curso nos últimos dez anos e para os que, no final de 2009, estavam inscritos nos centros de emprego, conclui-se que os diplomados com maior peso relativo formaram-se em serviços sociais, informação e jornalismo, indústrias transformadoras (que inclui algumas engenharias, como alimentar, de materiais, minas ou têxtil) e ciências sociais e do comportamento.

Segundo o último relatório “A procura de emprego dos diplomados com habilitação superior — 2010”, entre 8% a 11% dos licenciados nestas áreas estavam desempregados no final do ano. Em direito, esse valor cai para os 4,6%. Na saúde, é de 2,9%.

€400 por mês a recibos

Sofia Barros, 22 anos, conhece bem as dificuldades de um jovem que se forma com 20 anos e quase não tem currículo para apresentar. Licenciada em ciências da comunicação e da cultura, variante de marketing, publicidade e relações públicas, na Universidade Lusófona, em Lisboa, cansou-se

CURSOS POR PORCENTAGEM DE INSCRITOS NOS CENTROS DE EMPREGO

Dezembro 2009

Áreas	Desempregados/ Diplomados	Desempregados e ano de conclusão do curso		Total de diplomados	
		1999 a 2009	%	1998/1999 a 2007/2008	%
COM MAIS	%	NÚMERO	%	NÚMERO	%
Serviços sociais	10,7	1713	5,2	16.025	2,5
Informação e jornalismo	9,8	1383	4,2	14.175	2,2
Indústrias transformadoras	8,5	713	2,2	8378	1,3
Ciências sociais e do comportamento	8,1	4212	12,7	51.867	8,0
...E COM MENOS					
Saúde	2,9	2717	8,2	94.732	14,6
Formação de professores/formadores	2,7	2621	7,9	98.512	15,2
Matemática e estatística	2,5	175	0,5	7065	1,1
Serviços de segurança	2,3	66	0,2	2900	0,4

Fonte: A procura de emprego dos diplomados com habilitação superior — 2010, INEYS

EXPRESSO

OFERTA E PROCURA

2068

foi o aumento de vagas para 2010/11. Destas, 1600 são para cursos em regime pós-laboral

450

é o número de lugares para direito na Universidade de Lisboa, o mais alto de todos

44

mil pessoas com habilitação superior estavam inscritas nos centros de emprego em junho

de enviar currículos, ir a entrevistas e ouvir que era muito nova e que não tinha experiência.

Um estágio numa agência de comunicação ainda lhe abriu a porta a um salário mensal de €400 por um trabalho a tempo inteiro como assistente de marketing. Mantendo-se a recibos verdes e sem perspectivas de ver a situação melhorar, desistiu ao fim de ano e meio. Agora, trabalha como hospedeira de eventos, conseguindo receber, num bom mês, 700 a 800 euros. Tentará melhor no estrangeiro.

“Sinto que aqui não há oportunidades para toda a gente. É difícil encontrar um trabalho que recompense. Conseguir um contrato é ainda mais complicado”, lamenta. Do seu curso, concluído em 2008, apenas sabe de um colega que está a trabalhar na área em que se licenciou. O que não surpreende, se se pensar que só no ensino superior público há 1033 vagas para as 27 licenciaturas que existem com a designação de marketing, publicidade ou relações públicas, variante em que se especializou.

Continuando a olhar para o número de lugares que têm estado disponíveis em cursos com manifestas dificuldades de inserção profissional, o desfasamento entre a oferta e a procura é bem

visível. Em plena crise de jornais e rádios, universidades e politécnicos públicos abrem este ano 851 vagas em licenciaturas em ciências da comunicação, comunicação social e jornalismo. A que se juntam mais algumas centenas no sector privado.

Desperdiço de recursos

Telmo Baptista, bastonário da Ordem dos Psicólogos, admite haver um número considerável de jovens licenciados a atravessar um “momento de grande dificuldade em termos de empregabilidade”. Mas nem por isso está convencido de que o problema se resolve com a intervenção do Estado na limitação das 853 vagas existentes ou “tomando decisões sobre a vida das pessoas”.

É preciso, diz, que os candidatos estejam informados sobre as áreas em que é mais difícil arranjar trabalho e, ao mesmo tempo, promover o emprego. “Estamos muito longe de ter uma utilização adequada dos psicólogos, que podiam intervir em muito mais áreas e resolver problemas da sociedade. O Estado gasta dinheiro na formação, tem recursos competentes e depois não os utiliza. Isso é que é desperdiço”. Quando estava no liceu, Joana já tinha a noção de que escolher

psicologia clínica não seria a opção mais segura em termos profissionais. “Mas quando se tem 15, 16 anos, isso não parece um problema tão grave”, diz hoje, aos 27. Concluído o curso, com notas de 20 no estágio, 17 na tese final e 15 de média de licenciatura, respondeu a todos os anúncios que encontrou e apresentou-se em todas as clínicas e escolas que conhecia. “Não deve haver uma na Grande Lisboa que não tenha o meu currículo. Em 99% dos casos nem respondiam”, recorda.

Com dois colegas em situação semelhante, decidiu alugar um gabinete onde consegue fazer o que mais gosta: dar consultas. Mas são tão poucas que, depois de pagar as despesas, chega ao final com “saldo quase zero”. O trabalho num segundo consultório completa-lhe o rendimento mensal, com mais 100 a 200 euros. Também já deu aulas de inglês e prepara-se agora para entrar na Groundforce, no aeroporto de Lisboa, a ajudar no check-in e no acolhimento de passageiros. “Não quero nem posso estar parada”, explica.

A verdade é que, perante as críticas — aos bastonários dos médicos e dos advogados juntou-se o representante da Ordem dos Engenheiros, que lamentou a existência de mais de 500 cursos nesta área, entre licenciaturas, mestrados e doutoramentos, e pouca informação sobre a empregabilidade de cada um — o próprio ministro do Ensino Superior sentiu necessidade de dar explicações.

Mariano Gago lembrou que o país continua a apresentar um “enorme défice de licenciados” — devia ter dois milhões e tem apenas um. Além disso, lembrou, quem completa uma formação superior tem mais facilidade em encontrar trabalho, fica menos tempo no desemprego e ganha bem mais do que quem tem habilitações inferiores.

ISABEL LEIRIA
leiria@expresso.impressa.pt